

BRENDA REGINA MOTA MORAES

ISABELA E O ENIGMA DE ANA JANSEN

UMA VIAGEM NO TEMPO



Isabela e o enigma de Ana Jansen: Uma viagem no tempo

Brenda Regina Mota Moraes

Texto

Brenda Regina Mota Moraes

Ilustrado por

Jack Brandão

Colorista

Johan Paul

Diagramação

Alessandra Conceição Sena Brandão

Vanessa Janiele Martins Rodrigues

Revisão Textual

Vanessa Soeiro Carneiro

Revisão

Yuri Michael Pereira Costa

Moraes, Brenda Regina Mota.

Isabela e o enigma de Ana Jansen : uma viagem no tempo / Brenda Regina Mota Moraes. – São Luís, 2025.

41 f. : il.

Produto Educacional da Dissertação: “Ana Jansen e o poder no Maranhão do século XIX : perspectivas para o Ensino de História”.

Orientação do Prof. Dr. Yuri Michael Pereira Costa.

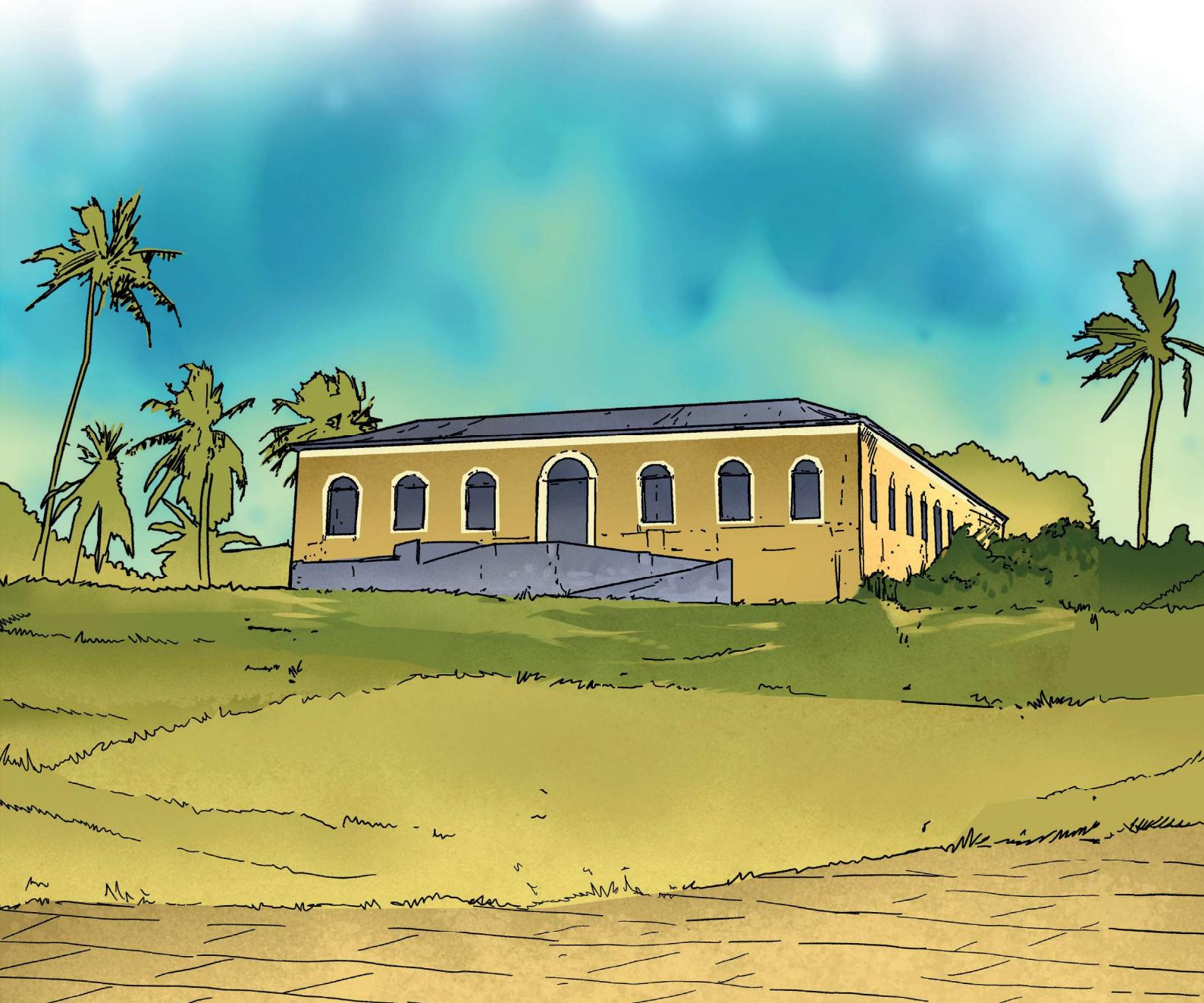
1. Ensino de História. 2. Ana Jansen. 3. História das Mulheres. 4. Gênero.
5. Poder. 6. Conto Infantojuvenil I. Título.

CDU 82-343 (812.1)

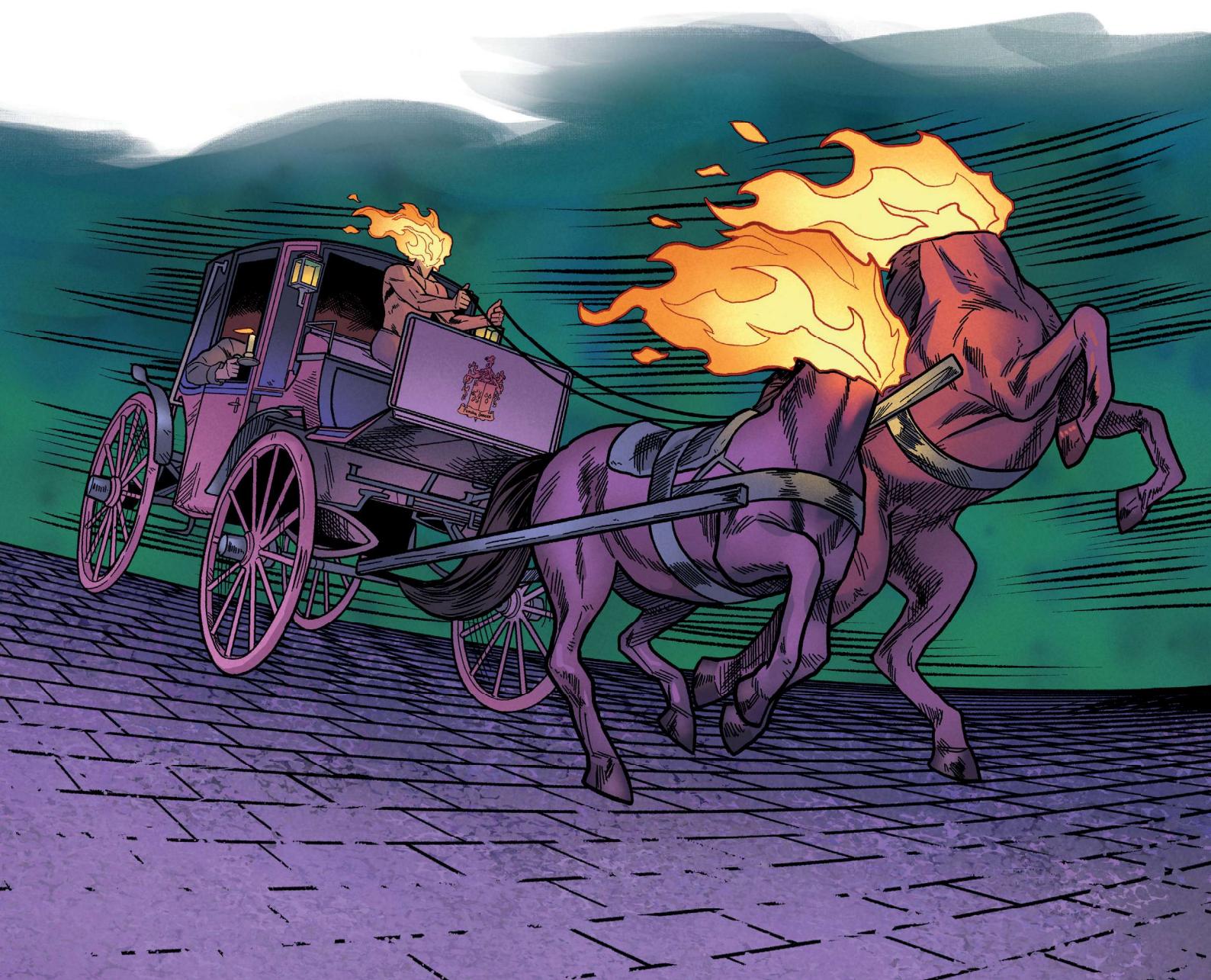
Elaborada por Lauisa Sousa Barros - CRB 13/657

Isabela é uma garota negra de 13 anos, cheia de curiosidade e coragem. Mora com seus pais, Carlos e Regina, e com sua inseparável cachorrinha Lili em uma casa simples ao lado do Sítio Tamancão. O sítio fica na rua do Apicum, no bairro do Anjo da Guarda, em São Luís do Maranhão, uma região bastante populosa e bastante conhecida por sua forte identidade cultural. Logo na entrada do bairro, uma estátua imponente do Anjo Gabriel parece abraçar e proteger a comunidade, que pulsa ao movimento das manifestações populares, como a tradicional encenação da Via Sacra e as histórias que rondam a misteriosa Praia do Amor.

Mas o que realmente despertava a imaginação de Isabela era o próprio Sítio Tamancão, cercado por árvores antigas, muros cobertos de trepadeiras e silêncios que pareciam esconder segredos antigos.



Desde pequena, ela ouvia falar de Ana Jansen, uma mulher poderosa do século XIX, temida por sua crueldade com os escravizados e envolta em lendas assustadoras. A que mais mexia com sua imaginação era a da "Carruagem de Ana Jansen", que, segundo os moradores, surgia nas madrugadas puxada por cavalos negros e guiada por uma figura sem cabeça no centro da cidade. A história sempre a assustava... mas também a fascinava. Afinal, quem era essa mulher que deixou tantas marcas, segredos e mistérios espalhados pelas ruas de São Luís?



Sua melhor amiga é Lili, uma cachorrinha esperta e brincalhona que adora acompanhá-la em todas as aventuras. Juntas, elas exploram cada cantinho do Sítio Tamancão, mesmo sabendo que os adultos dizem para ficarem longe dali.

Numa tarde de sábado, enquanto brincavam de esconde-esconde no Sítio Tamancão, Lili começou a cavar perto de uma árvore antiga. De repente, ela parou e começou a latir, chamando a atenção de Isabela.

— O que foi, Lili? Achou algo? — perguntou Isabela, se aproximando.

Lili continuou cavando até que algo apareceu: um livro velho e empoeirado, coberto por um pano igualmente desgastado. Isabela pegou o objeto com cuidado e percebeu que era um diário antigo. O coração dela acelerou...

— Será que é mesmo dela? — sussurrou, enquanto abria o diário com cuidado.

Lili cheirou o livro e começou a latir mais alto, como se estivesse tentando avisar sobre algo importante. Isabela, sem pensar duas vezes, correu para casa com o diário, e Lili a acompanhou.

Naquela noite, depois do jantar, Isabela se trancou no quarto para ler o diário. Lili deitou ao seu lado, de olhos fixos naquele livro misterioso. As páginas estavam amareladas e o cheiro de papel antigo enchia o ar. Quando Isabela começou a ler, uma sensação estranha tomou conta dela. As palavras pareciam ganhar vida, como se Ana Jansen estivesse ali, contando sua história!

Num estante, algo caiu do diário: um pedaço de papel dobrado. Isabela abriu e leu:

*No tempo que passou, mulheres lutaram,
Em silêncio, seu poder mostraram.
Na casa, na rua, no comércio e na arte,
Fizeram história, mas sem alarde.
Na política, porém, não puderam entrar,
Pois o mundo dos homens não as quis deixar.
Quem foi a rainha que ousou governar,
Mas por ser mulher, não pôde se afirmar?
Descobre o papel que a história lhes deu,
E o caminho de volta, será teu.*

Enquanto Isabela tentava entender o enigma, uma luz forte surgiu do diário, envolvendo-a e a Lili. De repente, tudo ao redor começou a girar, e elas foram levadas por um túnel escuro.



SOCIEDADE EGOLÍ



Quando a luz desapareceu, Isabela e Lili estavam em um lugar completamente diferente: as ruas de São Luís... mas não como elas conheciam. As pessoas usavam roupas antigas e os casarões pareciam novos.

— Onde estamos, Lili? — perguntou Isabela, segurando a cachorrinha no colo.

Lili olhou ao redor, com o rabo entre as pernas, mas logo começou a farejar o chão, como se estivesse tentando entender o que havia acontecido.

Isabela caminhou pelas ruas de paralelepípedos, segurando Lili no colo, para que a cachorrinha não se perdesse naquele lugar desconhecido. Tudo parecia saído de um livro de história: as casas coloridas com janelas grandes, os lampiões a gás iluminando as ruas e o som dos cascos dos cavalos ecoando ao longe. Lili olhava para tudo com os olhos arregalados, farejando o ar como se tentasse entender o cheiro daquela época.



— Uau, Lili, estamos em uma época diferente! — sussurrou Isabela, tentando não chamar muita atenção.

Nesse momento, ao olhar para o próprio reflexo em uma vidraça, Isabela arregalou os olhos. Também ela estava com roupas antigas — um vestido comprido, com mangas bufantes e rendas delicadas. Passou as mãos pela roupa, surpresa.

— Minha roupa... mudou também! — murmurou, confusa, olhando ao redor, tentando entender o que estava acontecendo.

Ela observou as mulheres que passavam, algumas com vestidos longos e elegantes, outras com roupas mais simples, carregando cestos de frutas ou tecidos. Os homens usavam chapéus de aba larga e casacas bem cortadas, caminhando com um ar de importância. Já outros tinham roupas bem mais modestas. Isabela nunca tinha visto nada parecido, exceto nos filmes e livros que seus pais mostravam.



Lili, latindo baixinho, começou a puxar Isabela em direção a um mercado próximo. Lá a cena era ainda mais movimentada. Mulheres e homens trabalhavam vendendo frutas, verduras, tecidos e doces.

De repente, uma figura chamou a atenção de Isabela. Era um menino negro, com mais ou menos a sua idade, sentado em uma carroça puxada por mulas. A carroça estava cheia de tonéis de água e ele parecia estar vendendo um líquido precioso para as pessoas que passavam. Surpreendentemente, Lili não latiu e nem demonstrou medo daquela pessoa desconhecida. Pelo contrário, abanou o rabo, como se sentisse que o menino não era uma ameaça.



O menino se aproximou e, com um sorriso tímido, perguntou:

— Sinhá, num qué comprá uma água fresquinha? Veio direto da fonte lá do Apicum e de Vinhais. Um caneco é só vinte réis.

Isabela olhou para ele, tentando processar tudo. Aquela cena parecia saída diretamente dos livros que ela havia lido sobre o século XIX. O menino usava roupas simples, mas limpas, e seu rosto transmitia uma mistura de cansaço e gentileza. Lili respirou profundamente, como se estivesse tentando entender o que estava acontecendo.

— Graças a Deus alguém me deu atenção! — exclamou Isabela, aliviada. — Menino, não tenho interesse em comprar nada, pois não tenho nenhum dinheiro. Estou assustada por não saber onde estou... Você poderia me ajudar?

O menino olhou para ela com curiosidade, mas também com compaixão.

— Posso ajudar, sim. Meu nome é Joaquim. Estamos na Praia Grande. Onde você mora? — Perguntou ele, enquanto acariciava Lili, que parecia já ter se afeiçoado ao menino.

— Eu moro em um bairro chamado Anjo da Guarda — respondeu Isabela, esperançosa.

Joaquim franziu a testa, pensativo.

— Nunca ouvi falar nesse lugar, senhorita. Existe alguma fazenda lá?

— Não, mas existe um sítio ao lado da minha casa, chamado Sítio Tamancão. Sabe onde fica?

Joaquim sorriu, reconhecendo o nome.

— Sei, sim! Iremos caminhar um pouco e pegaremos um barco para chegar até lá. Após vender meus tonéis, irei para lá também, levar a renda das vendas para minha Sinhá.

Isabela sentiu um alívio imenso... Finalmente, alguém que poderia ajudá-la a encontrar o caminho de volta

— Posso ir com você? — perguntou ela, tentando não parecer desesperada. — Não conheço ninguém nesse lugar e não sei o caminho!

Joaquim pensou por um momento, olhando para Lili, que agora estava sentada calmamente ao lado dele. Ele percebeu a angústia nos olhos de Isabela e concordou com um aceno de cabeça.

— Claro, senhorita. Posso levá-la até o Sítio Tamancão depois que eu terminar minhas vendas. O caminho é longo, mas a companhia vai ajudar a passar o tempo.

Isabela sorriu, sentindo um peso sair de seus ombros.

Enquanto Joaquim terminava de vender água, Isabela observava as pessoas ao redor. Ela notou como as mulheres trabalhavam duro, vendendo frutas, tecidos e outros produtos. Algumas carregavam crianças no colo, enquanto outras conversavam animadamente com os clientes. Lili, sempre curiosa, farejava o chão e latia baixinho quando queria chamar a atenção de Isabela.

— Joaquim, por que as mulheres trabalham tanto assim? — Perguntou Isabela.

Joaquim olhou para Isabela, surpreso com a pergunta. Para ele, aquela vida era completamente normal, algo que sempre fez parte do seu dia a dia.

— É assim que as coisas são, senhorita — respondeu ele, com um tom natural, como se estivesse explicando algo óbvio. — As mulheres trabalham muito. Minha mãe, por exemplo, acorda antes do sol nascer para preparar a comida e cuidar da casa da minha Sinhá. Muitas delas vendem frutas, doces, como pé de moleque, e outros produtos para sustentar suas famílias. As escravas também vendem coisas nas ruas para ajudar suas senhoras. E as mulheres brancas, como Dona Ana Jansen, também não ficam paradas só olhando o tempo passar... Minha Sinhá, por ser uma mulher viúva, é a chefe da família. Ela cuida de tudo... Das finanças da casa, dos negócios e até de eventos políticos realizados na propriedade.

Mesmo sabendo que cuidar do lar era um trabalho importante, Isabela não imaginava que as mulheres pudessem atuar em outros espaços além da casa.

— Mas... nos livros que eu li, dizia que as mulheres só ficavam em casa, cuidando dos filhos e da família... ou então eram forçadas a trabalhar no sistema escravista — comentou Isabela, ainda confusa.

Joaquim deu uma risadinha, como se a ideia fosse engraçada.

— Esses livros devem ter sido escritos por gente que nunca pisou numa rua de verdade — disse ele, balançando a cabeça. — Aqui as mulheres trabalham muito, senhorita!

Enquanto caminhavam pelas ruas movimentadas da Praia Grande, Isabela começou a fazer mais perguntas a Joaquim sobre o local e a época em que estavam. Joaquim, mesmo sendo bastante jovem, tinha um conhecimento surpreendente sobre a história da região e compartilhou detalhes sobre a vida nas fazendas, os costumes da época e até mesmo algumas lendas locais.

Durante a caminhada, levado pelo vento, um jornal esbarrou no rosto de Isabela. Provavelmente, alguém o deixou cair após a leitura. Ela o pegou instintivamente, notando as diversas manchetes espalhadas pela página amarelada. No entanto, o que mais chamou sua atenção não foram as notícias em si, mas a data impressa no topo: **22 de agosto de 1842!**



Seu coração acelerou... Aquela data lhe parecia familiar... Ela sabia que tinha alguma relação com Ana Jansen, mas não conseguia se lembrar exatamente qual seria. Tentou puxar na memória algo que já havia lido ou ouvido em suas pesquisas, mas, antes que pudesse se aprofundar, Lili chamou sua atenção para uma manchete específica...

O jornal em suas mãos era *O Picapaó*, um periódico opositor à família Jansen. A manchete carregava um tom irônico, insinuando que Ana Jansen teria prestado apoio à "Revolta da Farroupilha" ao doar arroz estragado aos soldados... De acordo com suas pesquisas, os adversários de Donana nunca perdião a chance de atacá-la e qualquer ação sua, por menor que fosse, era transformada em munição contra ela... Como dizia o ditado, "não guardavam o almoço para a janta!".

Logo, algo inesperado aconteceu...

Um sussurro ecoou... Uma voz que Isabela nunca tinha ouvido antes... Seu coração disparou... Lili também ouviu, pulando com seus pelos todos arrepiados... Joaquim, por sua vez, ficou imóvel, sem entender o que estava acontecendo com elas.

A voz soou novamente, agora mais nítida e firme:

— Não se deixe enganar por essas informações, menina! Eu ajudei sim essa revolta, mas com o meu arroz da minha fábrica, alimentando os soldados que estavam ali para pôr fim a essa guerra tão longa. Recebi elogios em diversos jornais e até um reconhecimento oficial do governo imperial do Rio de Janeiro, confirmando minha contribuição em causa pública.

E continuou:

— Preste atenção em tudo que Joaquim disser e, no final, resolverá o enigma!

A voz fez uma pausa antes de concluir, solene.

— Fique atenta, garota!

O silêncio que se abateu foi intenso, como se o próprio tempo tivesse prendido a respiração. Isabela trocou olhares com Lili... Algo muito maior do que imaginavam estava prestes a acontecer...

Isabela olhou ao redor, tentando encontrar a origem daquela voz... Seu coração batia tão forte que ela sentia o som ressoar em seus ouvidos. Lili continuou tensa, com os pelos eriçados.

— O que foi? Você está bem? — perguntou Joaquim, tocando de leve no braço da menina.

Isabela piscou algumas vezes antes de responder.

— Você... não ouviu isso?

Joaquim balançou a cabeça lentamente.

— Ouvir o quê?

Ela hesitou... Como explicar aquilo sem parecer fruto de sua imaginação?

— Eu... ouvi uma voz.... A mesma de antes, quando vim parar aqui. Ela disse que essa manchete está errada, que Ana Jansen realmente ajudou na revolta, mas não como dizem aqui.

Joaquim cruzou os braços, pensativo.

— O Picapaó sempre atacou Dona Ana Jansen. Não é surpresa que a história tenha sido distorcida... Mas por que essa voz está te dizendo isso?

— Não sei — respondeu Isabela, tentando organizar os pensamentos. — Mas ela disse para eu prestar atenção em tudo o que você disser para resolver o enigma.

O silêncio mais uma vez tomou conta do lugar... A brisa da tarde sacudiu levemente as folhas das árvores, mas, para Isabela, tudo parecia ter ficado mais pesado.... Era como se carregasse um peso grande e invisível nos ombros.

Joaquim coçou a cabeça, confuso.

— Enigma? Mas que enigma?

— Eu não sei! — respondeu Isabela, frustrada. Ela adorava desvendar enigmas em jogos eletrônicos, mas nada se comparava a viver um de verdade... De repente, algo veio à sua mente. — Espera... o diário! O enigma está no diário!!!

Ela abriu o diário rapidamente, folheando as páginas até encontrar o texto que havia lido antes. Lili aproximou-se, farejando o livro, como se soubesse que aquilo era importante.

— Aqui está! — exclamou Isabela, lendo em voz alta:

*No tempo que passou, mulheres lutaram,
Em silêncio, seu poder mostraram.
Na casa, na rua, no comércio e na arte,
Fizeram história, mas sem alarde.
Na política, porém, não puderam entrar,
Pois o mundo dos homens não as quis deixar.
Quem foi a rainha que ousou governar,
Mas por ser mulher, não pôde se afirmar?
Descobre o papel que a história lhes deu,
E o caminho de volta, será teu.*

Joaquim olhou para o diário, impressionado.

Isabela sentiu um frio na espinha. Tudo começava a fazer sentido...

— É isso! — ela exclamou, os olhos brilhando de descoberta. — O enigma vai além da Ana Jansen! É sobre como a gente sempre tenta colocar todas as mulheres na mesma caixinha, como se fossem iguais... Cada uma teve sua história, seus desafios... Mas hoje em dia só lembram da Ana Jansen como a vilã do século XIX, enquanto a maioria das outras mulheres caíram no esquecimento... Não é estranho isso?

Joaquim sorriu, apoiando-a.

— Então vamos resolver isso juntos. Você não está sozinha, Isabela!

Lili latiu, como se concordasse, e Isabela sentiu muita gratidão por ter amigos como Joaquim e Lili ao seu lado. Ela sabia que, juntos, eles desvendariam o enigma e encontrariam o caminho de volta.

Segurando o jornal, Isabela sentiu que talvez ali tivesse alguma pista para resolver o mistério. Seus olhos percorreram outras manchetes e, apesar de já ter aprendido sobre a escravização na escola, era completamente diferente vivenciar aquela realidade... O peso da realidade parecia esmagador, como se cada palavra impressa carregasse o sofrimento de milhares de pessoas...

Uma notícia em especial chamou sua atenção... Um anúncio sobre a fuga de um escravizado. O texto, para Isabela frio e impersonal, descrevia o homem como uma "peça perdida" e oferecia uma recompensa por sua captura. Isabela sentiu o estômago revirar... Tentou ignorar, mas a angústia foi maior do que ela podia conter.

Seus olhos se voltaram para Joaquim e ela notou as cicatrizes em seus braços e mãos, marcas que contavam histórias que ele talvez nunca falasse. Sem conseguir conter a curiosidade e a dor que sentia, ela murmurou:

— Vejo que seu corpo tem muitas cicatrizes...

Joaquim a fitou por um instante, como se medisse o quanto poderia compartilhar daquilo... Depois respondeu com um tom calmo, mas carregado de emoção:

— São marcas da minha história... Quem tem a pele escura como a minha quase sempre compartilha o mesmo destino... As dores da escravidão.

A resposta fez Isabela formar um nó na garganta e lhe trouxe um aperto no peito. Antes que pudesse formular alguma resposta, Joaquim fez uma pergunta que a pegou de surpresa:

— E no seu tempo? Ainda há tanto sofrimento?

Isabela ficou pensativa. Em que momento teria revelado que não era daquele tempo? Achou estranho. Talvez aquilo fizesse parte do enigma.

Era como se o destino realmente quisesse que ela estivesse ali. Pensou que, assim como Joaquim, outras pessoas talvez soubessem a verdade, mas ela e Lili precisavam resolver o mistério. Apesar da surpresa com a pergunta, preferiu não questionar.

Isabela hesitou. Como explicar que, embora a escravidão tenha sido abolida, as desigualdades ainda persistem e que atingem predominantemente as pessoas negras!? Seu olhar encontrou o de Joaquim... Por um momento, ela quis dizer que tudo havia mudado, que o mundo era justo... Mas não poderia mentir.

— As coisas mudaram, mas nem tudo como devia ser... — murmurou, sentindo o peso das palavras.

Joaquim concordou lentamente, como se compreendesse mais do que ela imaginava. O silêncio que se seguiu foi pesado, carregado de reflexões que nenhum dos dois sabia como expressar.

Para quebrar aquele clima, Isabela respirou fundo e mudou de assunto:

— Joaquim, você mencionou que pega água no Apicum e em Vinhais. A sua dona é Ana Jansen? Você comentou logo quando nos encontramos que ela era sua sinhá. Já ouvi muitas histórias sobre ela, inclusive que era a proprietária desses poços. Nos livros da minha época, Ana Jansen é descrita como uma mulher perversa e má, que maltrata os seus escravizados. E vejo, pelas suas cicatrizes, que talvez isso seja verdade. Sinto muito por isso.

Joaquim baixou os olhos, apertando as mãos calejadas. Ele parecia hesitar, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

— Sim, ela é minha Sinhá... Aqui, quando fazemos algo errado, somos punidos. Mas já ouvi dizer que Dona Bárbara é muito pior, talvez até mais do que Donana Jansen! Dizem que ela é ainda mais rigorosa e cruel. Muitos escravos temem sua ira e alguns até acreditam que ela tem poderes sobrenaturais!

Ele olhou ao redor antes de continuar, como se temesse ser ouvido.

— Há relatos de castigos brutais, punições severas para quem desobedece Dona Ana Rosa. Eu nunca a vi pessoalmente, porque estou sempre ocupado com minhas tarefas e tento olhar para outro lado ao passar perto do sobrado, mas os boatos sobre ela circulam entre nós...

Qualquer ação impensada poderia alterar não apenas os acontecimentos históricos, mas também a linha de sua própria existência. Ainda assim, dentro dela havia um impulso, um desejo profundo de agir, de tentar pôr fim à escravidão — se ao menos fosse possível... Mas logo compreendeu, com pesar, que a escravidão era vista como algo natural naquele contexto. Quanto mais escravizados uma sinhá possuía, maior era seu prestígio, sua influência, sua riqueza... A estrutura social se sustentava sobre essas correntes invisíveis, naturalizadas pelo tempo.

Mesmo assustada por não estar em casa, o senso de curiosidade de Isabela era maior que qualquer medo... E ela continuou fazendo perguntas para Joaquim:

E sobre Ana Jansen? Perguntou Isabela — Já ouvi tantas histórias sobre ela.... Algumas pessoas a chamam de malvada, outras dizem que era uma mulher poderosa...

Joaquim percebeu que Isabela realmente estava disposta a conhecer mais sobre Ana Jansen.

— Posso sim, sinhá! — disse ele. — Aprendi muita coisa lá na casa de Donana. Foi lá que eu nasci, sabe? Meus pais trabalham com ela faz tempo, e desde pequeno eles me contavam a história da minha sinhá.

— Diz minha mãe que Dona Ana Jansen ficou com uma fortuna depois que o marido dela, seu Isidoro Rodrigues Pereira, morreu. Tiveram seis filhos juntos. Ele era homem importante, metido nas coisa da independência e tudo. Com o dinheiro que herdou, Dona Ana fez render... virou uma das mais ricas da província.

— Depois que o marido se foi, ela ainda teve mais uns casos, e desses vieram mais cinco filhos. Ao todo, minha sinhá tem onze.



Isabela ficou impressionada. Ana Jansen não era apenas uma figura poderosa, mas também uma mulher que enfrentou desafios pessoais e sociais.

— E como ela conseguiu administrar tudo isso sozinha? — perguntou Isabela, curiosa.

Joaquim sorriu e continuou compartilhando mais detalhes.

— Donana é uma mulher muito esperta e firme. Não só cuidou direitinho da fortuna da família, como também soube fazer o dinheiro crescer. Abriu uma fábrica de arroz e mandou cavar uns poços que até hoje dão água pra cidade toda.

Também sempre fez questão que os filhos estudassem bem — tanto os meninos quanto as meninas.

Os homens da família tudo mexe com política, e algumas das filhas já casaram. As mais novas ainda são meninas, mas é bem capaz que também acabem casando com gente importante da sociedade.

Isabela começava a entender que Ana Jansen era muito mais do que a figura cruel retratada nas lendas. Ela era uma mulher complexa, que lutou para manter seu poder em um mundo dominado por homens.

— Dona Ana Jansen soube dar uma boa educação aos filhos — continuou Joaquim. — Todos os homens da família estão envolvidos nos assuntos do governo. Isidoro Pereira Jansen, por exemplo, vive sendo alvo dos jornais opositores, como *O Picapaó*, que não perde tempo em ofender a família Jansen... As mulheres também receberam uma boa educação e praticamente todas se casaram com pessoas importantes da nossa sociedade. Dona Ana Jansen é esperta: multiplicou sua herança, deu uma boa educação para os filhos, que se tornaram um meio para que ela influenciasse a política. Ousada, né? E muitos a criticam por isso... Eu também não concordo muito com essa forma dela agir... Talvez ela queira meter o nariz onde não é chamada... Onde já se viu uma mulher na política?! Mas fico calado com relação a isso tudo... Como meus pais sempre dizem: “Aqui na casa de Dona Ana é melhor agir com cautela.”

Enquanto conversavam, chegaram ao Sítio Tamancão. Isabela sentiu um alívio ao reconhecer o local. No entanto, muita coisa estava diferente...

O sítio parecia mais movimentado e organizado do que ela lembrava. As árvores frondosas que cercavam a propriedade estavam bem cuidadas e os escravizados circulavam entre os galpões, carregando ferramentas e mercadorias... O ar estava impregnado com o cheiro de terra molhada e folhas secas e o som dos animais e das conversas dos trabalhadores criava uma atmosfera viva e pulsante.

Joaquim apontou para um homem mais velho que estava supervisionando as atividades no pátio.

— Aquele é o Sr. Manuel — explicou ele. — Ele cuida do sítio e é uma das pessoas mais confiáveis de Dona Ana. Vou falar com ele para que ele te ajude.

Isabela seguiu Joaquim, sempre segurando Lili no colo. O Sr. Manuel, um homem de cabelos grisalhos e expressão séria, mas gentil, virou-se para eles assim que se aproximaram.

— Joaquim, você trouxe uma visitante? — perguntou ele, olhando para Isabela com curiosidade.

— Sim, senhor Manuel. Esta é a senhorita Isabela. Ela está perdida e precisa de ajuda para voltar para casa.

Manuel estudou Isabela por um momento, como se tentasse entender sua história... Depois, acenou com a cabeça.

— Bem, você está em boas mãos aqui. Vamos cuidar de você até que possamos resolver isso. Venha, vamos até a casa principal.

Ele os conduziu até a casa, uma construção imponente de paredes brancas e janelas altas. No caminho, Isabela observou os detalhes do sítio: as plantações bem cuidadas, os animais pastando e os escravizados trabalhando sob o sol quente. Era uma cena que ela só havia visto em livros... E agora estava vivendo aquilo tudo ao vivo.

Dentro da casa, Manuel ofereceu comida e água à Isabela. Enquanto isso, Joaquim explicava a situação. Manuel ouviu atentamente, acenando de vez em quando.

— Já ouvi falar de eventos estranhos por aqui — comentou ele, com um ar pensativo. — Coisas que não podem ser explicadas facilmente... Talvez você tenha sido trazida para cá por uma razão, menina!

Isabela sentiu um arrepi... Ela sabia que Manuel estava certo. Havia algo maior acontecendo e o diário que ela carregava era a chave para tudo.

Enquanto esperavam por uma solução, Isabela aprendeu muito sobre a vida no século XIX através das histórias compartilhadas por Manuel, Joaquim e outros trabalhadores do sítio. Ela descobriu que Ana Jansen não era apenas uma mulher poderosa e má, mas também uma administradora habilidosa e que ainda participava dos bastidores da política, que transformou sua herança em uma das maiores fortunas da região. Cada momento era uma oportunidade de conhecimento e crescimento para ela.

Foi então que, um burburinho tomou conta do sítio... Os escravizados se apressaram, arrumando o que podiam e se alinhando perto da entrada principal. Manuel se levantou rapidamente.

— Donana está chegando! — anunciou ele, com um tom de urgência. — Isabela, arrume-se e segure bem sua cachorrinha! Joaquim, você sabe como a Sinhá gosta que as coisas estejam em ordem...

Isabela finalmente iria conhecer Ana Jansen. Ela se levantou e se posicionou ao lado de Joaquim, tentando parecer calma, apesar do coração acelerado.

Pouco depois, o som de cascos de animais ecoou no pátio. Uma carruagem elegante, puxada por dois cavalos negros e reluzentes, adentrou o sítio... A carruagem era escura, com detalhes em dourado e trazia o brasão da família Jansen gravado na porta. Quando parou, um cocheiro desceu rapidamente e abriu a porta.

Dona Ana Jansen desceu da carruagem com uma presença que impunha respeito. Ela vestia um traje escuro e elegante, seus olhos pareciam captar cada detalhe ao redor e seus movimentos eram precisos e calculados... Sua postura transmitia muita autoridade



— Manuel — disse ela, com uma voz firme. — Tudo em ordem?

— Sim, Donana — respondeu Manuel, curvando-se levemente. — Temos uma visitante. Esta é a senhorita Isabela. Ela... está perdida, pois diz que é de outra época, e precisa de ajuda.

Ana Jansen voltou seu olhar para Isabela, estudando-a com um misto de curiosidade e cautela.

— Isabela, não é? — perguntou Ana Jansen, com um tom que não deixava claro se era uma pergunta ou uma afirmação.

— Sim, senhora — respondeu Isabela, tentando manter a voz firme.

Ana Jansen sorriu levemente, como se apreciasse a coragem da garota.

— Bem, você está em boa companhia. Vamos entrar e conversar... Tenho a sensação de que você tem muito a me contar.

Enquanto caminhavam em direção à casa, Isabela sentiu o peso do diário em suas mãos. Ela sabia que aquele era o momento de resolver o enigma e, quem sabe, encontrar o caminho de volta para casa...

Ana Jansen conduziu Isabela até a sala principal da casa, um ambiente amplo e decorado com móveis de madeira escura e cortinas pesadas. Lili seguiu atrás, farejando o chão com curiosidade. A sinhá sentou-se em uma cadeira alta, enquanto Isabela permaneceu em pé, segurando o diário com as duas mãos.

— Então, Isabela — começou Ana Jansen, com um olhar penetrante —, você diz que veio de outro tempo. E esse diário... lembro bem dele, pertence a mim, não é?

Isabela acenou com a cabeça.

— Sim, senhora. Eu o encontrei no Sítio Tamancão, no meu tempo. Quando comecei a ler, fui trazida para cá. Eu não sei como... Mas eu preciso voltar para casa.

Ana Jansen estudou a garota por um momento, como se tentasse decifrar suas intenções. Depois, estendeu a mão.

— Posso ver o diário? Perguntou Donana.

Isabela entregou o livro. Ana Jansen abriu as páginas com cuidado, como se estivesse lidando com algo precioso. Seus olhos percorreram as palavras e, por um momento, ela pareceu perdida em suas próprias memórias.

Isabela sabia que aquela era sua chance de entender o enigma.

— Senhora Ana, eu preciso entender o que está acontecendo... O diário tem um enigma e eu acho que a resposta está aqui, com a senhora.

Ana Jansen olhou para Isabela e pela primeira vez seu olhar pareceu mais suave.

Bem no fundo, Donana sabia o que Isabela realmente buscava. Não se tratava apenas de voltar para casa era algo mais profundo... Ela queria respostas! Queria entender por que aquele diário a havia conduzido ao passado e o que ainda precisava ser revelado antes que pudesse partir. No íntimo, Donana reconhecia: apenas alguém movido pela curiosidade seria capaz de desvendar o enigma.

— Você é uma garota corajosa, Isabela. E eu vou te ajudar. Mas primeiro, você precisa entender uma coisa: hoje sou conhecida como Rainha do Maranhão, mas esse título soa quase como uma ironia. Minha menina, isso está profundamente ligado à minha história. Participei de revoltas, promovi ações de caridade, fiz o que pude para ajudar essa sociedade... Mas, por ter atuado em espaços que não são permitidos às mulheres, como a política, sou duramente criticada. Tudo isso por inveja ou pela recusa em aceitar que uma mulher foi capaz de construir suas próprias conquistas.

Ela fechou o diário e o devolveu a Isabela. Nesse momento, as palavras de Ana Jansen ecoaram na mente da garota, como se despertassem algo que já estava lá, esperando para ser compreendido.

O enigma, que antes parecia tão confuso, começou a se revelar em sua mente... e tudo fez sentido. O enigma ia além da figura daquela senhora. No fundo, tratava-se de uma questão sobre como a sociedade escolhe contar — ou esconder — a história das mulheres. Sempre tentando simplificar, rotular, reduzir vidas complexas a personagens limitados: a “santa”, a “rebelde”, a “vilã”...

Isabela olhou para o diário e, em voz baixa, recitou o enigma:

*No tempo que passou, mulheres lutaram,
Em silêncio, seu poder mostraram.
Na casa, na rua, no comércio e na arte,
Fizeram história, mas sem alarde.
Na política, porém, não puderam entrar,
Pois o mundo dos homens não as quis deixar.
Quem foi a rainha que ousou governar,
Mas por ser mulher, não pôde se afirmar?
Descobre o papel que a história lhes deu,
E o caminho de volta, será teu.*

As palavras de Ana Jansen ressoaram em sua mente... E, subitamente, tudo fez sentido. O enigma ultrapassa a figura daquela senhora.... No fundo, é uma questão de como a sociedade escolhe contar ou esconder a história das mulheres. Sempre tentando simplificar, rotular, reduzir vidas complexas a personagens limitados: a “santa”, a “rebelde”, a “vilã”...

Ana Jansen virou lenda, virou medo, virou símbolo... Mas quase ninguém se lembra da mulher real!

Algumas mulheres são celebradas, outras esquecidas... e outras, como Ana Jansen, simplesmente distorcidas — pensou Isabela.

A resposta não estaria no silêncio sobre as mulheres... E sim no medo! — pensou Isabela. — Medo de uma mulher que não se curvou...

Ana Jansen foi a rainha do Maranhão no seu tempo, mas nunca foi respeitada como merecia.

Transformaram sua coragem em lenda... Seu pioneirismo em aventura... Sua influência em ameaça... Não porque ela falhou... Mas porque ousou comandar!

E agora, Isabela sabia: era hora de compartilhar a história de Donana, sem medo!

— Dona Ana Jansen, a senhor nunca quis ser assombração... quis ser reconhecida! — Exclamou Isabela.

Ana Jansen sorriu, orgulhosa.

— Exatamente, Isabela. Agora você entende... E com essa compreensão, você pode voltar para o seu tempo!

No momento em que Isabela pronunciou a resposta, o diário começou a brilhar intensamente... Uma luz envolveu Isabela e Lili e elas sentiram o chão desaparecer sob seus pés... Ana Jansen e Joaquim observavam com um misto de admiração e tristeza.

— Conte nossa história, Isabela — disse Ana Jansen, enquanto a luz crescia. — Conte a o que aconteceu!

Quando a luz desapareceu, Isabela e Lili estavam de volta ao seu quarto e no seu tempo... Era exatamente o dia 11 de abril de 2025. O diário ainda estava em suas mãos, mas agora parecia mais leve, como se tivesse cumprido sua missão...

— Lili, nós conseguimos! — gritou Isabela, abraçando a cachorrinha. — Nós voltamos!!!

Na manhã seguinte, com o diário ao lado e Lili aos pés da cama, Isabela acordou com tudo ainda vívido na memória. Correu até a cozinha, onde os pais tomavam café.

— Mamãe, papai, vocês não vão acreditar no que aconteceu! — disse animada, sentando-se à mesa da sala, onde seus pais estavam.

— O que foi, filha? Parece que teve um sonho agitado — disse Regina, enquanto servia o café.

— Não foi um sonho! Eu viajei no tempo! Fui pro século XIX, conheci Ana Jansen... E Lili estava comigo!

Carlos riu, tentando acalmá-la.

— Às vezes, quando a gente lê ou pensa muito em algo, acaba sonhando com isso filha. Mas foi só um sonho, Isa...

— Não, pai! Eu senti, ouvi, vi tudo! O diário estava comigo o tempo todo!
— ela disse, mostrando as páginas amareladas.

Os pais trocaram um olhar preocupado.

— Querida, você dormiu a noite toda no seu quarto, ao lado desses papéis que vocês encontraram — disse Regina com doçura. — Lili estava com você. Deve ter sido só um sonho mesmo...

Isabela olhou para o diário em silêncio. Os detalhes ainda vinham a sua memória como se ela realmente tivesse vivido tudo aquilo.

— Eu sei que parece fantasia... Mas eu acredito que aconteceu... E vou provar isso!

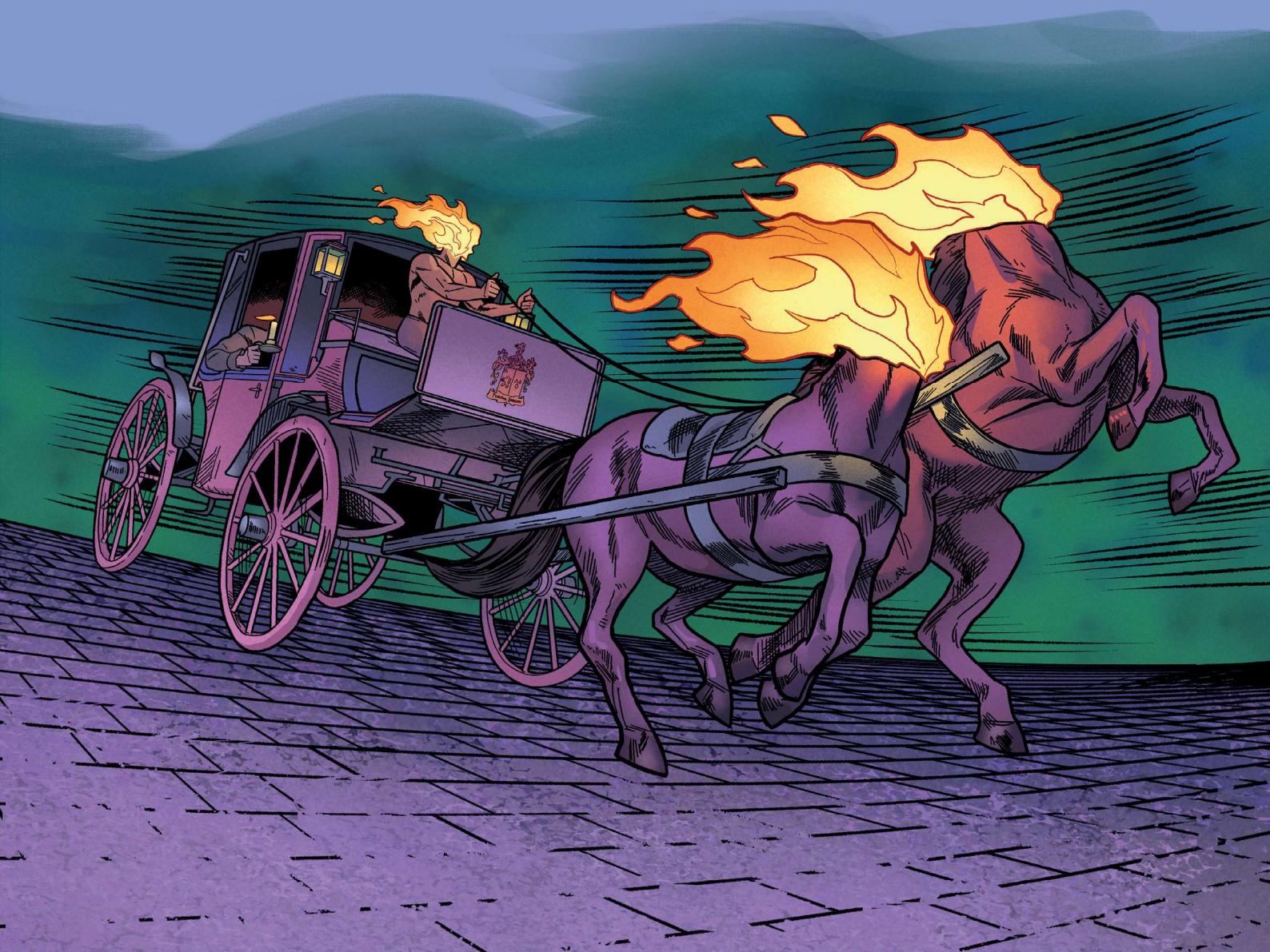
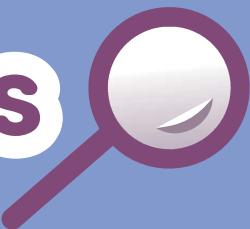
Carlos riu.

— Tudo bem, filha. Só não comece a construir uma máquina do tempo no quintal, hein?

Isabela sorriu... No fundo, ela sabia: aquela aventura estava longe de ter acabado.



Curiosidades





Conhecendo a lenda



Retrato de Ana Jansen
(São Luís do Maranhão, 1865).
Fonte: Coleção José Jansen/Mapoteca do
Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

O conto infantojuvenil *Isabela e o Enigma de Ana Jansen: Uma Viagem no Tempo* foi inspirado na trajetória de Ana Jansen, uma importante figura da história maranhense. Nascida em São Luís, na freguesia de Nossa Senhora da Vitória da Catedral, entre os anos de 1787 e 1798, ela faleceu na mesma cidade em 11 de abril de 1869.

Ana Jansen foi proprietária de terras, comerciante e exerceu grande influência na sociedade de sua época. Acumulou riqueza e prestígio, administrando negócios e participando dos acontecimentos políticos do Maranhão no século XIX. Sua história é cercada tanto por feitos concretos quanto por lendas populares, o que a tornou uma personagem enigmática e, até hoje, muito lembrada na cultura local.



As Casas de Ana Jansen: Onde o passado ainda mora

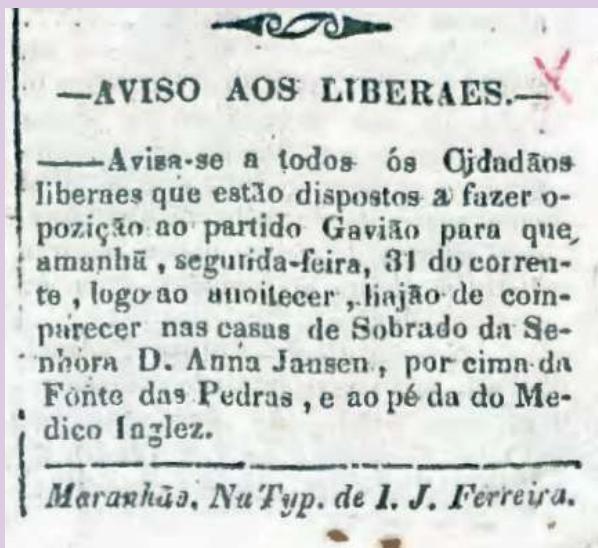


Ana Jansen foi dona de muitas terras e casas em São Luís e ficou conhecida por ser uma mulher de negócios em uma época em que isso não era comum para as mulheres. Entre seus bens estavam fazendas, fábricas e sítios, como o famoso Sítio Tamancão, que aparece na história deste conto. Após a morte de seu primeiro marido, o coronel Isidoro Rodrigues Pereira, em 1825, ela assumiu a responsabilidade de cuidar da família e administrar os negócios.

Com o tempo, Ana Jansen passou a vender e alugar suas propriedades como forma de aumentar sua riqueza e influência na sociedade. Essas atividades eram comuns naquele período, e muitas vezes ela divulgava a venda e o aluguel de casas nos jornais da cidade. Algumas dessas propriedades também foram usadas para reuniões políticas ou alugadas para o Governo Provincial.

A seguir, observe dois recortes de jornais antigos e veja como essas negociações eram anunciadas.

Imagen 1: Recorte do jornal *O Guajajara*, publicação vinculada à família Jansen.



Fonte: (*O GUAJAJARA*, São Luís, 30.08.1840, n. 17, p. 68)

Nessa notícia podemos perceber um aviso ao partido liberal de uma reunião em uma propriedade da Ana Jansen o que podemos constar a sua presença nos bastidores da política provincial.

Imagen 2: Recorte do jornal O Publicador Maranhense, anunciando o aluguel de uma das propriedades de Ana Jansen ao Governo Provincial.

predio Provincial, a contractar com
D. Anna Joaquina Jansen Pereira
o aluguel de uma casa de sua propriedade na rua do Quebra Costas
pelo espaço de dez annos a razão
de 750\$ rs. annuaes, para onde foi
transferida a dita Repartição depo-
is de haver a proprietaria feito to-
dos os concertos e accommodações
exigidas pelo respectivo Inspector,
e confio que dareis a esse acto da
Presidencia o vosso assentimento
consignando na lei do orçamento a
quantia necessaria para pagamento
do aluguel.

Tal he, Senhores, o quadro an-

Recorte do jornal O Publicador Maranhense, anunciando o aluguel de uma das propriedades de Ana Jansen ao Governo Provincial.

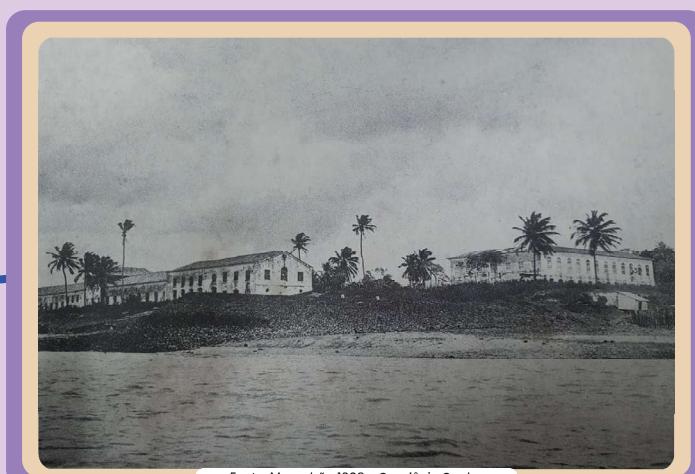
Essa propriedade, localizada na Rua do Quebra Costas, foi alugada para a Tesouraria Provincial por um período de dez anos, destacando-se pela relação direta com o poder público e reforçava a influência de Ana Jansen nos negócios da época.

Sítio Tamancão e suas mudanças ao longo do tempo



Ilustração Século XIX

Século XIX



Fonte: Maranhão 1908 – Gaudênia Cunha

Século XX



Fonte: Arquivo pessoal

Século XXI

Aponte a câmera do seu celular para o Qr Code e olhe mais fotos do Sítio Tamancão.



Atividades Complementares



● Conhecendo a “Rainha do Maranhão”

Atividade viajando no enigma de Ana Jansen

1) Atividade: Reflexão a partir da história “Isabela e o Enigma de Ana Jansen: Uma Viagem no Tempo”

Transformação de Olhares:

Ao longo da história, Isabela passa por uma transformação na forma como enxerga Ana Jansen.

- a)** Descreva, com suas palavras, qual foi a principal mudança na percepção de Isabela sobre Ana Jansen.
- b)** Aponte três momentos específicos da história que contribuíram para essa mudança de visão, explicando porque cada momento foi importante para essa transformação.

2) Atividade – Debate em Grupo: Mulheres nos Espaços de Poder: Ontem e Hoje

Proposta de Debate:

Após a leitura da história “Isabela e o Enigma de Ana Jansen: Uma Viagem no Tempo”, vamos refletir:

- Hoje, as mulheres estão presentes nos espaços de decisão, como a política, a economia e a cultura?**

Formem pequenos grupos.

Cada grupo deve discutir e apresentar dois exemplos de mulheres (brasileiras ou de outros países) que atuaram ou atuam em cargos de liderança. O grupo deverá explicar como essas mulheres enfrentaram (ou ainda enfrentam) desafios para conquistar esses espaços.

Por fim, cada grupo deve responder coletivamente:

O que ainda precisa mudar para que a presença das mulheres em espaços de poder seja mais justa e igualitária?

Dica: Vocês podem citar mulheres da política, da ciência, das artes, dos movimentos sociais, ou de outras áreas!





É graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UEMA (PPGHIST), com pesquisa voltada para a trajetória de Ana Jansen e o exercício do poder no Maranhão do século XIX, articulando temas relacionados à história das mulheres, relações de gênero e práticas para o ensino de História. Possui pós-graduação em Docência na Educação Superior pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e está cursando especializações em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e em Formação Docente para Educação a Distância (EaD) pelo UNINTER. Tem experiência como pesquisadora no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), onde desenvolveu estudos em história social, política e cultural do Maranhão, além de atuação como professora de História nos níveis Fundamental e Médio, com foco em práticas pedagógicas inovadoras. Sua trajetória profissional inclui a produção de materiais didáticos e o desenvolvimento de práticas de ensino voltadas para a valorização de trajetórias femininas e de grupos historicamente silenciados. Seus principais interesses acadêmicos e profissionais abrangem História do Brasil, História das Mulheres, Relações de Gênero, Ensino de História e metodologias para a Educação a Distância.



Referências

ABRANCHES, Dunshee de. **O cativeiro**. 3. ed. São Luís: Academia Brasileira de Letras. Arquivo Público do Estado do Maranhão.

ABRANTES, E; Santos, S R. **Ana Jansen a mulher e o mito**. São Luís,2011.

ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. **A senhora do Maranhão: uma biografia de Ana Jansen**. São Luís: Editora UEMA, 2023.

ABRANTES. E.S. **História Regional** – São Luís: UEMANET,2013.

CAMPOS. M. H. **Senhoras Donas**. Economia, povoamento e vida material em terras maranhenses (1755-1822). São Luís: Café & Lápis; FAPEMA,2010.

CARSON, A. C. **Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher**. Cadernos Pagu, n. 4, p. 187-218. 1995.

COSTA, Y. M.P. **Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX**. Revista Brasileira de História & Ciência Sociais – RBHCS. São Luís, Vol. 10N. (P. 01-23) 20, julho- dezembro Estado do Maranhão. Secretaria do Estado da Cultura, Edições AML/ALUMAR, p. 81-88. 1992. 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado, – 7^a ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PERROT, Michelle. **Minhas histórias das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed., 6. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTOS, Waldemar. **Perfil de Ana Jansen**. São Luís:SIOGE,1978.

VIVEIROS, Jerônimo José de. **A rainha do Maranhão**: São Luís: Senec. Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, 1965.

Sinopse

Isabela, uma menina negra de 13 anos, sempre foi curiosa e corajosa. Moradora do bairro Anjo da Guarda, em São Luís do Maranhão, ela cresceu ouvindo as lendas misteriosas sobre Ana Jansen, uma figura poderosa e temida do século XIX. Mas tudo muda quando, ao lado de sua inseparável cachorrinha Lili, Isabela encontra um diário antigo enterrado no Sítio Tamancão. Ao ler suas páginas, ela é transportada para o passado, onde descobre um Maranhão completamente diferente, cheio de casarões, ruas de paralelepípedos e histórias praticamente esquecidas.

Guiada por um enigma intrigante, por sua curiosidade sem limites e pela ajuda de Joaquim, um garoto da época, Isabela embarca em uma jornada entre o real e o fantástico, na qual precisa desvendar os segredos por trás da figura de Ana Jansen mulher forte, controversa, ora tratada como vilã, ora apagada pelos livros de história. Entre descobertas sobre a escravidão, o papel das mulheres na sociedade e as verdades escondidas pela História oficial, Isabela percebe que entender o passado é também uma forma de transformar o presente.

Desenvolvido como produto educacional no âmbito da pós-graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão, este conto busca contribuir para um ensino de História mais inclusivo e reflexivo, abrindo caminhos para que outras histórias tantas vezes silenciadas ou distorcidas possam finalmente ser contadas, escutadas, representadas e ensinadas.

